



Celebrando o Domingo da Palavra de Deus

24 janeiro 2021



CARTA APOSTÓLICA
SOB FORMA DE MOTU PROPRIO

APERUIT ILLIS

DO SANTO PADRE

FRANCISCO

PELA QUAL SE INSTITUI O *DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS*

1. «ABRIU-LHES o entendimento para compreenderem as Escrituras» (Lc 24, 45). Trata-se de um dos últimos gestos realizados pelo Senhor ressuscitado, antes da sua Ascensão. Encontrando-se os discípulos reunidos, Jesus aparece-lhes, parte o pão com eles e abre-lhes o entendimento à compreensão das sagradas Escrituras. Revela àqueles homens, temerosos e desiludidos, o sentido do mistério pascal, ou seja, que Ele, segundo os desígnios eternos do Pai, devia sofrer a paixão e ressuscitar dos mortos para oferecer a conversão e o perdão dos pecados (cf. Lc 24, 26.46-47); e promete o Espírito Santo que lhes dará a força para serem testemunhas deste mistério de salvação (cf. Lc 24, 49).

A relação entre o Ressuscitado, a comunidade dos crentes e a Sagrada Escritura é extremamente vital para a nossa identidade. Sem o Senhor que nos introduz na Sagrada Escritura, é impossível compreendê-la em profundidade; mas é verdade também o contrário, ou seja, que, sem a Sagrada Escritura, permanecem indecifráveis os acontecimentos da missão de Jesus e da sua Igreja no mundo. Como justamente escreve S. Jerónimo, «a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo» (*Commentarii in Isaiam*, Prologus: PL 24, 17).

2. No termo do *Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, pedi que se pensasse num «domingo dedicado inteiramente à Palavra de Deus, para compreender a riqueza inesgotável que provém daquele diálogo constante de Deus com o seu povo» (Carta ap. *Misericórdia et misera*, 7). A dedicação dum domingo do Ano Litúrgico particularmente à Palavra de Deus permite, antes de mais nada, fazer a Igreja reviver o gesto do Ressuscitado que abre, também para nós, o tesouro da sua Palavra, para podermos ser no mundo arautos desta riqueza inexaurível. A propósito, voltam à mente os ensinamentos de Santo Efrém: «Quem poderá compreender, Senhor, toda a riqueza duma só das tuas palavras? Como o sedento que bebe da fonte, muito mais é o que perdemos do que o que tomamos. A tua palavra apresenta muitos aspetos diversos, como diversas são as perspetivas daqueles que a estudam. O Senhor pintou a sua palavra com muitas belezas, para que aqueles que a perscrutam possam contemplar aquilo que preferirem. Escondeu na sua palavra todos os tesouros, para que cada um de nós se enriqueça em qualquer dos pontos que medita» (*Comentários sobre o Diatessaron*, 1, 18).

Assim, com esta Carta, pretendo dar resposta a muitos pedidos que me chegaram da parte do povo de Deus no sentido de se poder celebrar o *Domingo da Palavra de Deus* em toda a Igreja e com unidade de intenções. Já se tornou uma prática comum viver certos momentos em que a comunidade cristã se concentra sobre o grande valor que a Palavra de Deus ocupa na sua vida diária. Nas diversas Igrejas locais, há uma riqueza de iniciativas que torna a Sagrada Escritura cada vez mais acessível aos crentes para os fazerem sentir-se agradecidos por tão grande dom, comprometidos a vivê-lo no dia a dia e responsáveis por testemunhá-lo com coerência.

O Concílio Ecuménico Vaticano II deu um grande impulso à redescoberta da Palavra de Deus, com a constituição dogmática *Dei Verbum*. Das suas páginas que merecem ser sempre meditadas e vividas, emergem de forma clara a natureza da Sagrada Escritura, a sua transmissão de geração em geração (cap. II), a sua inspiração divina (cap. III) que abraça o Antigo e o Novo Testamento (caps. IV e V) e a sua

importância para a vida da Igreja (cap. VI). Para incrementar esta doutrina, Bento XVI convocou em 2008 uma Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre o tema «A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja» e, depois dela, publicou a exortação apostólica *Verbum Domini*, que constitui um ensinamento imprescindível para as nossas comunidades[1]. Neste Documento, aprofunda-se de modo particular o caráter performativo da Palavra de Deus, sobretudo quando, na ação litúrgica, emerge o seu caráter propriamente sacramental[2].

Por isso, é bom que não venha jamais a faltar na vida do nosso povo esta relação decisiva com a Palavra viva, que o Senhor nunca Se cansa de dirigir à sua Esposa, para que esta possa crescer no amor e no testemunho da fé.

3. Portanto estabeleço que o III Domingo do Tempo Comum seja dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus. Este Domingo da Palavra de Deus colocar-se-á, assim, num momento propício daquele período do ano em que somos convidados a reforçar os laços com os judeus e a rezar pela unidade dos cristãos. Não se trata de mera coincidência temporal: a celebração do Domingo da Palavra de Deus expressa uma valência ecuménica, porque a Sagrada Escritura indica, a quantos se colocam à sua escuta, o caminho a seguir para se chegar a uma unidade autêntica e sólida.

As comunidades encontrarão a forma de viver este Domingo como um dia solene. Entretanto será importante que, na celebração eucarística, se possa entronizar o texto sagrado, de modo a tornar evidente aos olhos da assembleia o valor normativo que possui a Palavra de Deus. Neste Domingo, em particular, será útil colocar em evidência a sua proclamação e adaptar a homilia para se pôr em destaque o serviço que se presta à Palavra do Senhor. Neste Domingo, os Bispos poderão celebrar o rito do Leitorado ou confiar um ministério semelhante, a fim de chamar a atenção para a importância da proclamação da Palavra de Deus na liturgia. De facto, é fundamental que se faça todo o esforço possível no sentido de preparar alguns fiéis para serem verdadeiros anunciadores da Palavra com uma preparação adequada, tal como já acontece habitualmente com os acólitos ou os ministros extraordinários da comunhão. Da mesma maneira, os párocos poderão encontrar formas de entregar a Bíblia, ou um dos seus livros, a toda a assembleia, de modo a fazer emergir a importância de continuar na vida diária a leitura, o aprofundamento e a oração com a Sagrada Escritura, com particular referência à *lectio divina*.

4. O regresso do povo de Israel à pátria, depois do exílio de Babilónia, foi assinalado de modo significativo pela leitura do livro da Lei. A Bíblia dá-nos uma comovente descrição daquele momento, no livro de Neemias. O povo está reunido em Jerusalém, na praça da Porta das Águas, a escutar a Lei. Aquele povo dispersara-se com a deportação, mas agora encontra-se reunido à volta da Sagrada Escritura «como um só homem» (Ne 8, 1). Durante a leitura do Livro sagrado, o povo «escutava com atenção» (Ne 8, 3), ciente de encontrar naquela palavra o sentido para os acontecimentos vividos. Em reação à proclamação daquelas palavras, brotou a comoção e o pranto. Os levitas «liam, clara e distintamente, o livro da Lei de Deus e explicavam o seu sentido, de modo que se pudesse compreender a leitura. O governador Neemias, Esdras, sacerdote e escriba, e os levitas que instruíam o povo disseram a toda a multidão: “Este é um dia consagrado ao Senhor, vosso Deus; não vos entristeçais nem choreis”. Pois todo o povo chorava ao ouvir as palavras da Lei. (...) “Não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força”» (Ne 8, 8-9.10).

Estas palavras encerram uma grande lição. A Bíblia não pode ser património só de alguns e, menos ainda, uma coletânea de livros para poucos privilegiados. Pertence, antes de mais nada, ao povo convocado para a escutar e se reconhecer nesta Palavra. Muitas vezes, surgem tendências que procuram monopolizar o texto sagrado, desterrando-o para alguns círculos ou grupos escolhidos. Não pode ser assim. A Bíblia é o livro do povo do Senhor que, escutando-a, passa da dispersão e divisão à unidade. A Palavra de Deus une os crentes e faz deles um só povo.

5. Nesta unidade gerada pela escuta, primariamente os Pastores têm a grande responsabilidade de explicar e fazer compreender a todos a Sagrada Escritura. Uma vez que é o livro do povo, todos os que têm a vocação de ser ministros da Palavra devem sentir fortemente a exigência de a tornar acessível à sua comunidade.

De modo particular, a homilia desempenha uma função totalmente peculiar, porque possui «um caráter quase sacramental» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 142). Introduzir profundamente na Palavra de Deus, com uma linguagem simples e adaptada a quem escuta, requer do sacerdote que faça descobrir também «a beleza das imagens que o Senhor utilizava para incentivar a prática do bem» (*Ibid.*, 142). Trata-se duma oportunidade pastoral a não perder!

Com efeito, para muitos dos nossos fiéis, esta é a única ocasião que têm para captar a beleza da Palavra de Deus e a ver referida à sua vida diária. Por isso, é preciso dedicar tempo conveniente à preparação da homilia. Não se pode improvisar o comentário às leituras sagradas. Sobretudo a nós, pregadores, pede-se o esforço de não nos alongarmos desmesuradamente com homilias enfatizadas ou sobre assuntos não atinentes. Se nos detivermos a meditar e rezar sobre o texto sagrado, então seremos capazes de falar com o coração para chegar ao coração das pessoas que escutam, de modo a expressar o essencial que é recebido e produz fruto. Nunca nos cansemos de dedicar tempo e oração à Sagrada Escritura, para que seja acolhida, «não como palavra de homens, mas como ela é realmente, palavra de Deus» (*1 Ts 2*, 13).

É bom também que os catequistas, atendendo ao ministério que desempenham de ajudar a crescer na fé, sintam a urgência de se renovar através da familiaridade e estudo das sagradas Escrituras, que lhes consentam promover um verdadeiro diálogo entre aqueles que os escutam e a Palavra de Deus.

6. Antes de ir ter com os discípulos, que estavam fechados em casa, e de lhes abrir a mente ao entendimento da Sagrada Escritura (cf. *Lc 24*, 44-45), o Ressuscitado aparece a dois deles no caminho que vai de Jerusalém a Emaús (cf. *Lc 24*, 13-35). Na sua narração, o evangelista Lucas faz notar que se verificou no próprio dia da Ressurreição, ou seja, no domingo. Aqueles dois discípulos conversavam sobre os recentes acontecimentos da paixão e morte de Jesus. O seu caminho é marcado pela tristeza e a desilusão, devido ao trágico fim de Jesus. Esperaram n'Ele como Messias libertador, e agora embatem no escândalo do Crucificado. Discretamente, o Ressuscitado em pessoa aproxima-Se e caminha com os discípulos, mas eles não O reconhecem (cf. *Lc 24*, 16). Ao longo do caminho, o Senhor interpela-os, dando-Se conta de que não compreenderam o sentido da sua paixão e morte; chama-lhes «homens sem inteligência e lentos de espírito» (*Lc 24*, 25) e, «começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito» (*Lc 24*, 27). Cristo é o primeiro exegeta! Não só as Escrituras antigas tinham predito aquilo que Jesus havia de realizar, mas Ele próprio quis ser fiel àquela Palavra para tornar evidente a única história da salvação, que n'Ele encontra a sua realização.

7. Por isso a Bíblia, enquanto Escritura Sagrada, fala de Cristo e anuncia-O como Aquele que deve passar pelo sofrimento para entrar na glória (cf. *Lc 24*, 26). E d'Ele falam não só uma parte, mas todas as Escrituras. Sem estas, são indecifráveis a sua morte e ressurreição. Por isso, uma das mais antigas confissões de fé sublinha que Cristo «morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas» (*1 Cor 15*, 3-5). Uma vez que as Escrituras falam de Cristo, consentem acreditar que a sua morte e ressurreição não pertencem à mitologia mas à história, e encontram-se no centro da fé dos seus discípulos.

É profundo o vínculo entre a Sagrada Escritura e a fé dos crentes. Sabendo que a fé vem da escuta, e a escuta centra-se na Palavra de Cristo (cf. *Rm 10*, 17), daí se vê a urgência e a importância que os crentes devem dar à escuta da Palavra do Senhor, tanto na ação litúrgica, como na oração e reflexão pessoais.

8. A «viagem» do Ressuscitado com os discípulos de Emaús conclui com a ceia. O misterioso Viandante acede ao pedido insistente que os dois Lhe dirigem: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso» (*Lc 24*, 29). Sentam-se à mesa; Jesus toma o pão, pronuncia a bênção, parte-o e dá-o a eles. Naquele momento, abrem-se-lhes os olhos e reconhecem-No (cf. *Lc 24*, 31).

A partir desta cena, compreendemos como seja indivisível a relação entre a Sagrada Escritura e a Eucaristia. O Concílio Vaticano II ensina: «A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo

do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo» (*Dei Verbum*, 21).

A frequência assídua da Sagrada Escritura e a celebração da Eucaristia tornam possível o reconhecimento entre pessoas que são parte umas das outras. Como cristãos, somos um só povo que caminha na história, fortalecido pela presença no meio de nós do Senhor que nos fala e alimenta. O dia dedicado à Bíblia pretende ser, não «uma vez no ano», mas uma vez por todo o ano, porque temos urgente necessidade de nos tornar familiares e íntimos da Sagrada Escritura e do Ressuscitado, que não cessa de partir a Palavra e o Pão na comunidade dos crentes. Para tal, precisamos de entrar em confiança assídua com a Sagrada Escritura; caso contrário, o coração fica frio e os olhos permanecem fechados, atingidos, como somos, por inumeráveis formas de cegueira.

Sagrada Escritura e Sacramentos são inseparáveis entre si. Quando os Sacramentos são introduzidos e iluminados pela Palavra, manifestam-se mais claramente como a meta dum caminho onde o próprio Cristo abre a mente e o coração ao reconhecimento da sua ação salvífica. Neste contexto, é preciso não esquecer um ensinamento que vem do livro do Apocalipse; lá se ensina que o Senhor está à porta e bate. Se uma pessoa ouvir a sua voz e Lhe abrir a porta, Ele entra para cear junto com ela (cf. 3, 20). Cristo Jesus bate à nossa porta através da Sagrada Escritura; se ouvirmos e abirmos a porta da mente e do coração, então Ele entra na nossa vida e permanece connosco.

9. Na II Carta a Timóteo, que de certa forma constitui o testamento espiritual de Paulo, este recomenda ao seu fiel colaborador que frequente assiduamente a Sagrada Escritura. O Apóstolo está convencido de que «toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça» (3, 16). Esta recomendação de Paulo a Timóteo constitui uma base sobre a qual a constituição conciliar *Dei Verbum* aborda o grande tema da inspiração da Sagrada Escritura, base essa donde emergem particularmente a *finalidade salvífica*, a *dimensão espiritual* e o *princípio da encarnação* para a Sagrada Escritura.

Apelando-se, antes de mais nada, à recomendação de Paulo a Timóteo, a *Dei Verbum* sublinha que «os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Escrituras» (n. 11). Porque estas instruem tendo em vista a salvação pela fé em Cristo (cf. 2 Tm 3, 15), as verdades nelas contidas servem para a nossa salvação. A Bíblia não é uma coletânea de livros de história nem de crónicas, mas está orientada completamente para a salvação integral da pessoa. A inegável radicação histórica dos livros contidos no texto sagrado não deve fazer esquecer esta finalidade primordial: a nossa salvação. Tudo está orientado para esta finalidade inscrita na própria natureza da Bíblia, composta como história de salvação na qual Deus fala e age para ir ao encontro de todos os homens e salvá-los do mal e da morte.

Para alcançar esta finalidade salvífica, a Sagrada Escritura, sob a ação do Espírito Santo, transforma em Palavra de Deus a palavra dos homens escrita à maneira humana (cf. *Dei Verbum*, 12). O papel do Espírito Santo na Sagrada Escritura é fundamental. Sem a sua ação, estaria sempre iminente o risco de ficarmos fechados apenas no texto escrito, facilitando uma interpretação fundamentalista, da qual é necessário manter-se longe para não trair o caráter inspirado, dinâmico e espiritual que o texto possui. Como recorda o Apóstolo, «a letra mata, enquanto o Espírito dá a vida» (2 Cor 3, 6). Por conseguinte, o Espírito Santo transforma a Sagrada Escritura em Palavra viva de Deus, vivida e transmitida na fé do seu povo santo.

10. A ação do Espírito Santo não diz respeito apenas à formação da Sagrada Escritura, mas atua também naqueles que se colocam à escuta da Palavra de Deus. É importante a afirmação dos padres conciliares, segundo a qual a Sagrada Escritura deve ser «lida e interpretada com o mesmo Espírito com que foi escrita» (*Dei Verbum*, 12). Com Jesus Cristo, a revelação de Deus alcança a sua realização e plenitude; e, todavia, o Espírito Santo continua a sua ação. De facto, seria redutivo limitar a ação do Espírito Santo apenas à natureza divinamente inspirada da Sagrada Escritura e aos seus diversos autores. Por isso, é necessário ter confiança na ação do Espírito Santo que continua a realizar uma sua peculiar forma de inspiração, quando a Igreja

ensina a Sagrada Escritura, quando o Magistério a interpreta de forma autêntica (cf. *ibid.*, 10) e quando cada crente faz dela a sua norma espiritual. Neste sentido, podemos compreender as palavras ditas por Jesus aos discípulos, depois que estes Lhe asseveraram ter compreendido o significado das suas parábolas: «Todo o doutor da lei instruído acerca do Reino do Céu é semelhante a um pai de família, que tira coisas novas e velhas do seu tesouro» (Mt 13, 52).

11. Por fim, a *Dei Verbum* especifica que «as palavras de Deus, expressas por línguas humanas, tornaram-se intimamente semelhantes à linguagem humana, como outrora o Verbo do eterno Pai Se assemelhou aos homens, tomando a carne da fraqueza humana» (n. 13). Isto equivale a dizer que a encarnação do Verbo de Deus dá forma e sentido à relação entre a Palavra de Deus e a linguagem humana, com as suas condições históricas e culturais. É neste evento que ganha forma a Tradição, também ela Palavra de Deus (cf. *ibid.*, 9). Muitas vezes corre-se o risco de separar Sagrada Escritura e Tradição, sem compreender que elas, juntas, constituem a única fonte da Revelação. O carácter escrito da primeira, nada tira ao facto de ela ser plenamente palavra viva; assim como a Tradição viva da Igreja, que no decurso dos séculos a transmite incessantemente de geração em geração, possui aquele livro sagrado como a «regra suprema da fé» (*Ibid.*, 21). Além disso, antes de se tornar um texto escrito, a Palavra de Deus foi transmitida oralmente e mantida viva pela fé dum povo que a reconhecia como sua história e princípio de identidade no meio de tantos outros povos. Por isso, a fé bíblica funda-se sobre a Palavra viva, não sobre um livro.

12. Quando a Sagrada Escritura é lida com o mesmo Espírito com que foi escrita, permanece sempre nova. O Antigo Testamento nunca é velho, uma vez que é parte do Novo, pois tudo é transformado pelo único Espírito que o inspira. O texto sagrado inteiro possui uma função profética: esta não diz respeito ao futuro, mas ao hoje de quem se alimenta desta Palavra. Afirma-o claramente o próprio Jesus, no início do seu ministério: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir» (Lc 4, 21). Quem se alimenta dia a dia da Palavra de Deus torna-se, como Jesus, contemporâneo das pessoas que encontra; não se sente tentado a cair em nostalgias estereis do passado, nem em utopias desencarnadas relativas ao futuro.

A Sagrada Escritura desempenha a sua ação profética, antes de mais nada, em relação a quem a escuta, provocando-lhe doçura e amargura. Vêm à mente as palavras do profeta Ezequiel, quando, convidado pelo Senhor a comer o rolo do livro, confessa: «Ele foi, na minha boca, doce como o mel» (3, 3). Também o evangelista João revive, na ilha de Patmos, a mesma experiência de Ezequiel de comer o livro, mas acrescenta algo de mais específico: «Na minha boca era doce como o mel; mas, depois de o comer, as minhas entranhas encheram-se de amargura» (Ap 10, 10).

A doçura da Palavra de Deus impele-nos a comunicá-la a quantos encontramos na nossa vida, expressando a certeza da esperança que ela contém (cf. 1 Ped 3, 15-16). Entretanto a amargura apresenta-se, muitas vezes, no facto de verificar como se torna difícil para nós termos de a viver com coerência, ou de constatar sensivelmente que é rejeitada, porque não se considera válida para dar sentido à vida. Por isso, é necessário que nunca nos abeiremos da Palavra de Deus por mero hábito, mas nos alimentemos dela para descobrir e viver em profundidade a nossa relação com Deus e com os irmãos.

13. Outra provocação que nos vem da Sagrada Escritura tem a ver com a caridade. A Palavra de Deus apela constantemente para o amor misericordioso do Pai, que pede a seus filhos para viverem na caridade. A vida de Jesus é a expressão plena e perfeita deste amor divino, que nada guarda para si, mas a todos se oferece sem reservas. Na parábola do pobre Lázaro, encontramos uma indicação preciosa. Depois da morte de Lázaro e do rico, este vê o pobre no seio de Abraão e pede para Lázaro ser enviado a casa dos seus irmãos a fim de os advertir sobre a vivência do amor do próximo para evitar que venham sofrer os mesmos tormentos dele. A resposta de Abraão é incisiva: «Têm Moisés e os Profetas; que os oiçam!» (Lc 16, 29). Escutar as sagradas Escrituras para praticar a misericórdia: este é um grande desafio lançado à nossa vida. A Palavra de Deus é capaz de abrir os nossos olhos, permitindo-nos sair do individualismo que leva à asfixia e à esterilidade enquanto abre a estrada da partilha e da solidariedade.

14. Um dos episódios mais significativos desta relação entre Jesus e os discípulos é a Transfiguração. Acompanhado por Pedro, Tiago e João, Jesus sobe ao monte para rezar. Os evangelistas lembram como se tornaram resplandecentes o rosto e as vestes de Jesus, enquanto dois homens conversavam com Ele: Moisés e Elias, que personificam respetivamente a Lei e os Profetas, isto é, as sagradas Escrituras. A reação de Pedro a tal visão transborda de jubilosa maravilha: «Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para Ti, uma para Moisés e outra para Elias» (Lc 9, 33). Naquele momento, uma nuvem cobre-os com a sua sombra, e o medo apodera-se dos discípulos.

A Transfiguração faz pensar na Festa dos Tabernáculos, quando Esdras e Neemias liam o texto sagrado ao povo, depois do regresso do exílio. Ao mesmo tempo, antecipa a glória de Jesus como preparação para o escândalo da paixão; glória divina que é evocada também pela nuvem que envolve os discípulos, símbolo da presença do Senhor. Esta Transfiguração é semelhante à da Sagrada Escritura, que se transcende a si mesma, quando alimenta a vida dos crentes. Como nos recorda a *Verbum Domini*, «para se recuperar a articulação entre os diversos sentidos da Escritura, torna-se decisivo identificar a *passagem entre letra e espírito*. Não se trata duma passagem automática e espontânea; antes, é preciso transcender a letra» (n. 38).

15. No caminho da receção da Palavra de Deus, acompanha-nos a Mãe do Senhor, reconhecida como bem-aventurada por ter acreditado no cumprimento daquilo que Lhe dissera o Senhor (cf. Lc 1, 45). A bem-aventurança de Maria antecede todas as bem-aventuranças pronunciadas por Jesus para os pobres, os aflitos, os mansos, os pacificadores e os que são perseguidos, porque é condição necessária para qualquer outra bem-aventurança. Nenhum pobre é bem-aventurado por ser pobre; mas passa a sê-lo, se, como Maria, acreditar no cumprimento da Palavra de Deus. Lembra-o um grande discípulo e mestre da Sagrada Escritura, Santo Agostinho: «Uma pessoa do meio da multidão, cheia de entusiasmo, exclamou: “Bem-aventurado o ventre que Te trouxe”. E Ele: “Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam”. Como que a dizer: também a minha mãe, a quem tu chamas bem-aventurada, é bem-aventurada justamente porque guarda a palavra de Deus, não porque n’Ela o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, mas porque guarda o próprio Verbo de Deus por meio do Qual foi feita, e que n’Ela Se fez carne» (*Sobre o Evangelho de São João*, 10, 3).

Possa o domingo dedicado à Palavra fazer crescer no povo de Deus uma religiosa e assídua familiaridade com as sagradas Escrituras, tal como ensinava o autor sagrado já nos tempos antigos: esta palavra «está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a praticares» (Dt 30, 14).

Roma, em São João de Latrão, no dia 30 de setembro de 2019, Memória litúrgica de São Jerónimo e início do 1600º aniversário da sua morte.

Francisco

[1] Cf. AAS 102 (2010), 692-787.

[2] «Assim é possível compreender a sacramentalidade da Palavra através da analogia com a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados. Aproximando-nos do altar e participando no banquete eucarístico, comungamos realmente o corpo e o sangue de Cristo. A proclamação da Palavra de Deus na celebração comporta reconhecer que é o próprio Cristo que Se faz presente e Se dirige a nós para ser acolhido» (*Verbum Domini*, 56).

Nota da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos no Domingo da Palavra de Deus, 19.12.2020

NOTA NO DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

Domingo da Palavra de Deus, desejado pelo Papa Francisco todos os anos no **terceiro domingo do tempo comum**,^[1] recorda a todos, pastores e fiéis, a importância e o valor da Sagrada Escritura para a vida cristã, bem como a relação entre a Palavra de Deus e a liturgia: «Como cristãos, somos um só povo que caminha na história, fortalecido pela presença de Senhor entre nós que nos fala e nos nutre. O dia dedicado à Bíblia não quer ser "uma vez por ano", mas sim uma vez por ano, porque é urgente nos familiarizarmos e nos familiarizarmos com a Sagrada Escritura e com o Ressuscitado, que não cessa de transgredir a Palavra e a Pão na comunidade dos crentes. Para isso, devemos entrar em constante confiança na Sagrada Escritura, caso contrário o coração permanece frio e os olhos fechados, atingidos por inúmeras formas de cegueira». ^[2]

Este domingo constitui, portanto, uma boa oportunidade para reler alguns documentos eclesiais ^[3] e especialmente a Praenotanda do Ordo Lectionum Missae, que apresenta uma síntese dos princípios teológicos, celebratórios e pastorais relativos à Palavra de Deus proclamada na Missa, mas também válida em cada celebração litúrgica (sacramentos, sacramentais, liturgia das horas).

1. Por meio das leituras bíblicas proclamadas na liturgia, Deus fala ao seu povo e o próprio Cristo anuncia o seu Evangelho; ^[4] Cristo é o centro e a plenitude de todas as Escrituras, do Antigo e do Novo Testamento. ^[5] A escuta do Evangelho, o ponto culminante da Liturgia da Palavra, ^[6] é caracterizada por uma veneração particular, ^[7] expressa não apenas por gestos e aclamações, mas pelo mesmo livro dos Evangelhos. ^[8] Um dos As modalidades rituais adequadas para este domingo podem ser a procissão de introdução com os Evangelhos ^[9] ou, na sua ausência, a sua colocação no altar. ^[10]

2. O arranjo das leituras bíblicas estabelecido pela Igreja no Lecionário abre ao conhecimento de toda a Palavra de Deus. ^[11] Portanto, é necessário respeitar as leituras indicadas, sem substituí-las ou suprimi-las, e usar versões da Bíblia aprovadas para uso litúrgico. ^[12] O anúncio dos textos do lecionário constitui um vínculo de unidade entre todos os fiéis que os ouvem. Compreender a estrutura e a finalidade da Liturgia da Palavra ajuda a assembleia dos fiéis a acolher a palavra que salva de Deus. ^[13]

3. Recomenda-se o canto do salmo responsorial, resposta da Igreja orante; ^[14] portanto, o serviço do salmista em cada comunidade deve ser aumentado. ^[15]

4. Na homilia, os mistérios da fé e as normas da vida cristã são expostos ao longo do ano litúrgico e a partir das leituras bíblicas. ^[16] «Os pastores têm uma grande responsabilidade, em primeiro lugar, de explicar e permitir que todos compreendam a Sagrada Escritura. Por ser o livro do povo, quem tem vocação para ser ministro da Palavra de Deus deve sentir a forte necessidade de torná-lo acessível à sua própria comunidade". ^[17] Os bispos, sacerdotes e diáconos devem sentir o compromisso de cumprir este ministério com especial dedicação, aproveitando os meios propostos pela Igreja. ^[18]

5. Particularmente importante é o silêncio que, ao favorecer a meditação, permite que a Palavra de Deus seja acolhida interiormente por quem a escuta. ^[19]

6. A Igreja sempre dedicou uma atenção particular àqueles que anunciam a Palavra de Deus na assembleia: sacerdotes, diáconos e leitores. Este ministério exige uma preparação interior e exterior específica, a familiaridade com o texto a proclamar e a prática necessária no modo de proclamá-lo, evitando qualquer improvisação. ^[20] Existe a possibilidade de introduzir advertências breves e adequadas às leituras. ^[21]

7. Pelo valor da Palavra de Deus, a Igreja nos convida a cuidar do ambão de onde ela é proclamada; [22] não é um móvel funcional, mas o lugar consoante com a dignidade da Palavra de Deus, em correspondência com o altar: de facto, estamos a falar da mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo, com referência tanto ao ambão como especialmente ao 'altar'. [23] O ambão é reservado às leituras, ao canto do salmo responsorial e ao pré-deus pascal; a partir dele podem ser proferidas a homilia e as intenções da oração universal, embora seja menos apropriado acessá-la para comentários, avisos, direção da música. [24]

8. Os livros com passagens da Sagrada Escritura suscitam, em quem os escuta, a reverência pelo mistério de Deus que fala ao seu povo. [25] Por isso, pede-se zelo pelo seu valor material e pelo seu bom uso. É inadequado usar folhetos, fotocópias, ajudas para substituir os livros litúrgicos. [26]

9. Perto ou nos dias seguintes ao Domingo da Palavra de Deus é conveniente promover encontros formativos para evidenciar o valor da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas; pode ser uma oportunidade para aprender mais sobre como a Igreja lê as Sagradas Escrituras na oração, com leitura contínua, semicontínua e tipológica; quais são os critérios para a distribuição litúrgica dos vários livros bíblicos no decorrer do ano e nas suas épocas, a estrutura dos ciclos dominicais e dos dias da semana das leituras da Missa. [27]

10. O Domingo da Palavra de Deus é também uma ocasião propícia para aprofundar a ligação entre a Sagrada Escritura e a Liturgia das Horas, a oração dos Salmos e Cânticos do Ofício, as leituras bíblicas, promovendo a celebração comunitária das Laudes e Vésperas. [28]

Entre os numerosos santos, todas as testemunhas do Evangelho de Jesus Cristo, São Jerónimo, pode ser proposto como exemplo do grande amor que nutria pela Palavra de Deus. Como o Papa Francisco recentemente recordou, ele foi um "estudioso incansável, tradutor, exegeta, profundo conhecedor e apaixonado divulgador da Sagrada Escritura. [...] Ao ouvir Girolamo se encontra, rosto de Deus e de seus irmãos, e apura sua predileção pela vida comunitária». [29]

Esta nota pretende ajudar a despertar, à luz do domingo da Palavra de Deus, a consciência da importância da Sagrada Escritura para a nossa vida de crentes, a partir da sua ressonância na liturgia que nos coloca num diálogo vivo e permanente com Deus". A Palavra de Deus ouvida e celebrada, especialmente na Eucaristia, nutre e fortalece os cristãos interiormente e os torna capazes de um autêntico testemunho evangélico na vida cotidiana". [30]

Da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 17 de dezembro de 2020.

Robert Card. Sarah
Prefeito

+ Arthur Roche
Arcebispo Secretário

[1] Cf. Francisco, Carta apostólica sob forma de *Motu proprio Aperuit illis*, 30 de setembro de 2019.

[2] Francesco, *Aperuit Illis*, n. 8; Concílio Vaticano II, *Constituição Dei Verbum*, n. "um vaidoso pregador da palavra de Deus exteriormente, que não a escuta dentro de si", ao passo que as abundantes riquezas da palavra divina devem participar nos fiéis a ele confiados, especialmente na sagrada liturgia. Da mesma forma, o santo Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, especialmente os religiosos, a aprender «o sublime conhecimento de Jesus Cristo» (Fl 3,8), mediante a leitura frequente das divinas Escrituras. "Ignorância das Escrituras, de fato,

[3] Concílio Vaticano II, *Constituição Dei Verbum*; Bento XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini*.

[4] Cf. *Sacrosanctum Concilium*, nn. 7, 33; *Institutio generalis Missalis Romani (IGMR)*, n. 29; *Ordo lectionum Missae (OLM)*, n. 12

[5] Cf. *OLM*, n. 5

[6] Cf. *IGMR*, n. 60; *OLM*, não. 13

[7] Cf. *OLM*, n. 17; *Caeremoniale Episcoporum*, n. 74

- [8] Cf. OLM, nn. 36, 113.
- [9] Cf. IGMR, nn. 120, 133.
- [10] Cf. IGMR, n. 117
- [11] Cf. IGMR, n. 57; OLM, não. 60
- [12] Cfr. OLM, nn. 12, 14, 37, 111.
- [13] Cf. OLM, n. 45
- [14] Cf. IGMR, n. 61; OLM, não. 19-20.
- [15] Cf. OLM, n. 56
- [16] Cfr. OLM, n. 24; *Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Diretório Homilético, n. 16*
- [17] *Francisco, Aperuit illis, n. 5; Diretório Homilético, n. 26*
- [18] Cf. *Francisco, Exortação apostólica Evangelii gaudium, nn. 135-144; Diretório Homilético.*
- [19] Cf. IGMR, n. 56; OLM, não. 28
- [20] Cf. OLM, nn. 14, 49.
- [21] Cfr. OLM, nn. 15, 42.
- [22] Cf. IGMR, n. 309; OLM, não. 16
- [23] Cfr. OLM, n. 32
- [24] Cfr. OLM, n. 33
- [25] Cfr. OLM, n. 35; *Caeremoniale Episcoporum, n. 115*
- [26] Cf. OLM, n. 37
- [27] Cfr. OLM, nn. 58-110; *Diretório Homilético, nos. 37-156.*
- [28] *Institutio generalis de Liturgia Horarum, n. 140: «A leitura da Sagrada Escritura, que por tradição antiga se faz publicamente não só na celebração eucarística, mas também no Ofício Divino, deve ser tida com a máxima consideração por todos os cristãos, porque é proposta pela própria Igreja, não para escolha individual ou segundo a disposição mais favorável da alma, mas a fim de atender ao mistério que a Esposa de Cristo realiza no ciclo anual [...]. Além disso, na celebração litúrgica, a leitura da Sagrada Escritura é sempre acompanhada pela oração”.*
- [29] *Francisco, Carta Apostólica Scripturae sacrae relevantus, no décimo sexto centenário da morte de São Jerônimo, 30 de setembro de 2020.*
- [30] Cf. *Francisco, Exortação apostólica Evangelii gaudium, n. 174.*
[01579-EN.01] [Texto original: Italiano]

SERMÃO DA MONTANHA

Mateus, Capítulos 5,6 e 7

Mt 5

¹Ao ver as multidões, subiu ao monte e, tendo-se sentado, vieram ter com Ele os seus discípulos^[2]; ²e, tomando a palavra^[3], ensinava-os, dizendo:

³«Felizes os pobres^[4] no espírito, porque deles é o reino dos céus.

⁴Felizes os que se lamentam^[5], porque eles serão consolados.

⁵Felizes os mansos, porque eles herdarão a terra.

⁶Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados.

⁷Felizes os misericordiosos, porque para eles haverá misericórdia^[6].

⁸Felizes os puros de coração, porque eles verão Deus.

⁹Felizes os que fazem a paz, porque eles serão chamados filhos de Deus.

¹⁰Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

¹¹Felizes sois quando vos insultarem, vos perseguirem e mentindo disserem todo o mal contra vós por causa de mim. ¹²Alegrai-vos e exultai, porque a vossa recompensa é grande nos céus, pois do mesmo modo perseguiram os profetas antes de vós».

¹³«Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se tornar insípido, com que se salgará? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens.

¹⁴Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no cimo de um monte; ¹⁵nem se acende uma candeia e se a coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro, pois assim brilha para todos os que estão na casa. ¹⁶Deste modo brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus».

¹⁷«Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim abolir, mas cumprir^[7]. ¹⁸Amen vos digo: até que passe o céu e a terra, não passará uma só letra^[8] ou um só traço da Lei, até que tudo aconteça. ¹⁹Aquele, pois, que quebrar um destes mandamentos, por mais pequeno que seja, e assim ensinar os homens, será chamado o mais pequeno no reino dos céus; mas aquele que os praticar e os ensinar será chamado grande no reino dos céus^[9].

²⁰Digo-vos pois: se a vossa justiça não superar a dos doutores da lei e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus».

²¹«Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não matarás*, e aquele que matar será réu no juízo^[10]. ²²Mas Eu digo-vos: todo aquele que se irar contra o seu irmão será réu no juízo; e aquele que disser a seu irmão "Imbecil!" será réu no sinédrio^[11]; e aquele que lhe disser "Louco!" será sujeito^[12] à Geena do fogo^[13]. ²³Portanto, se, ao apresentares a tua oferta sobre o altar, aí te lembrares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, ²⁴deixa aí a tua oferta diante do altar e vai reconciliar-te primeiro com o teu irmão, e então virás apresentar a tua oferta. ²⁵Sê benévolo com o teu adversário, sem demora, enquanto estás com ele no caminho, não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz ao guarda, e sejas lançado na prisão. ²⁶Amen te digo: não sairás de lá até que restituas o último cêntimo».

²⁷«Ouvistes que foi dito: *Não cometerás adultério*. ²⁸Mas Eu digo-vos: todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar já cometeu adultério com ela no seu coração^[14]. ²⁹Se o teu olho direito é para ti motivo de escândalo, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado na Geena^[15]. ³⁰Se a tua mão direita é para ti motivo de escândalo, corta-a e atira-a para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo vá para a Geena».

³¹«Também foi dito: *Quem repudiar a sua mulher, dê-lhe um documento de divórcio*^[16]. ³²Mas Eu digo-vos: todo aquele que repudia a sua mulher – a não ser em caso de promiscuidade – faz com que ela incorra em adultério, e aquele que se casar com uma repudiada, comete adultério»^[17].

³³«Também ouvistes que foi dito aos antigos: *Não jurarás em falso, mas cumprirás com os teus juramentos ao Senhor*. ³⁴Mas Eu digo-vos: não jureis de todo, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; ³⁵nem pela terra, porque é o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. ³⁶Nem jures pela tua cabeça,

porque não podes tornar branco ou preto um só dos teus cabelos. ³⁷Mas seja a vossa palavra: "Sim, sim", "Não, não"; o que for além disto vem do Maligno».

³⁸«Ouvistes que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*^[18]. ³⁹Mas Eu digo-vos: não resistais ao que vos fizer mal^[19]; pelo contrário, àquele que te bate na face direita apresenta-lhe^[20] também a outra^[21]. ⁴⁰È àquele que te quer levar a tribunal para te tirar a túnica, deixa-lhe também a capa. ⁴¹E aquele que te forçar a caminhar uma milha, vai com ele duas. ⁴²Dá a quem te pede, e a quem te quiser pedir emprestado, não voltes as costas».

⁴³«Ouvistes que foi dito: *Amarás o teu próximo* e odiarás o teu inimigo^[22]. ⁴⁴Mas Eu digo-vos: amai os vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem, ⁴⁵para vos tornardes filhos do vosso Pai que está nos céus, porque Ele faz despontar o seu sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos. ⁴⁶Pois, se amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? ⁴⁷E se saudardes apenas os vossos irmãos, o que fazeis de extraordinário? Não fazem os pagãos também o mesmo^[23]? ⁴⁸Portanto, sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito».

1. *As bem-aventuranças são anúncio e proposta de felicidade, central em toda a Bíblia. O grego makários (feliz) aparece 50 vezes no NT, das quais 28 nos Sinópticos. Na origem aplicava-se às divindades. Jesus declara felizes os que participam no reino de Deus por Ele iniciado, por duas razões, correspondentes às duas partes em que se dividem: 1º, porque, na sua indignação, se confiam a Deus (vv. 3-6); 2º, porque, com a energia dele recebida, se entregam aos outros (vv. 7-9). É uma felicidade já presente (vv. 3 e 9: deles é o reino dos céus) e a consumir no futuro (vv. 4-8, com o tempo verbal futuro). Das nove de Mt (a 9ª concretiza a 8ª), quatro são, na temática, comuns a Lc e, por isso, provenientes da fonte (Quelle) comum.*
2. *Inicia-se aqui o primeiro de cinco grandes discursos de Jesus. Este prolonga-se até ao fim do cap.7 e aborda as temáticas da justiça e do reino de Deus. Por se iniciar num monte, ficou conhecido como o sermão da montanha. É também chamado a magna carta do reino. Depois do exordium (introdução) que são as bem-aventuranças (5, 1-12), seguem-se três partes: uma sobre a justiça (5, 13-48), outra sobre as boas obras (6, 1-18) e outra com várias advertências (cap.7).*
3. *Lit.: abrindo a sua boca.*
4. *Os pobres aqui são os 'anāwīm, os pobres de Javé também referidos em 1QM 4,17; 1QH 14,3 e 2Hen 42,6-14, aqueles cujo espírito está livre e disponível para acolher o Senhor: cf. Pr 15,13; 16,19; 29,23; Hab 4,4.10; Sl 34,19; Is 29,24.*
5. *Mt usa um verbo derivado de pēnthos, que em grego designa uma pena muito intensa, uma aflição provocada por calamidades ou tragédias, um grande desgosto.*
6. *Lit.: serão «misericordiosos». Da misericórdia fazem parte as atitudes e obras referidas nos vv. 8-10.*
7. *Começa aqui uma secção diatribica contra os fariseus. Mt recorre aqui às diatribes rabínicas e respetivas fórmulas de confronto nos escritos judaicos sapienciais: TestLev 16,4; TestRub 1,7; TestBenj 9,1.*
8. *Lit.: um só iota.*
9. *Mt segue aqui a sensibilidade judaica (mAvot 2,1; 3,18) e considera que os pormenores da Lei continuam importantes e válidos.*
10. *Citação das leis apodícticas (máximas incontestáveis) de Ex 20,13 e Dt 5,17.*
11. *Para o sinédrio, cf. 2,4 nota. O insulto raqa parece ser uma transliteração do aramaico reyqa': cf. Sir 34,21.*
12. *Lit.: será réu para a Geena do fogo.*
13. *A expressão hebraica Gē-ben-hinnom (Vale do Filho de Hinom) ou o aramaico gey-hinnam darão origem à palavra Geena, um vale situado a oeste e sudoeste da colina de Jerusalém. Era o lugar onde uma fogueira ardia de modo permanente, a fim de queimar os lixos da cidade de Jerusalém. Era o oposto do lugar paradisíaco do jardim das delícias na literatura intertestamentária (cf. 4Esd 7,36; 1Hen 90,26).*
14. *Ex 20,17. Esta radicalidade encontra eco no judaísmo palestinese e na própria literatura sapiencial: Sir 26,9.11; Testlss 7,2; SlSal 4,4; TestBenj 8,2; mKel 1; LevR 23,122; Jub 20,4; 1QS 1,6; bYoma 29; mas também existe uma exegese rigorista do sexto mandamento na literatura peritestamentária.*
15. *Jesus usa aqui Dt 25,11-12 para alertar para as consequências do pecado. Esta forma hiperbólica de expressar uma ideia era uma técnica muito usada na antiguidade para a gravar na memória dos ouvintes.*
16. *No tratado sobre o divórcio na Michná (recolha escrita da tradição oral judaica, no final do séc. II d.C.), estão atestadas as posições mais ou menos livres da tradição judaica representada nas escolas de Chamai e de Hillel (cf. mGitt 9,10), para as quais o mais pequeno motivo era razão suficiente para repudiar a mulher. Jesus não só se opõe radicalmente à banalização do get (o libelo de divórcio), como ao divórcio per se.*
17. *Jesus coloca em causa aqui o princípio da Torá oral mais tarde incorporada no Pentateuco (Dt 24,1-4), de que os fariseus tantas vezes se serviam para justificar a sua prática da expulsão da mulher e sobrepor este texto a Lv 18,6-18.20. Este tema será retomado em 19,1-9.*
18. *Jesus desafia a ir além da lei de talião, expressão de uma justiça meramente retributiva (cf. Gn 9,1-17; Ex 21,23-25; Lv 24,17-21; Dt 19,21; 2Sm 14,7; Sb 11,16-24; Ez 35,6s).*
19. *Lit.: ao malfeitor/ao malvado.*
20. *Lit.: volta-lhe também a outra.*

21. *Dar a outra face era considerado desonroso e vergonhoso no judaísmo rabínico (cf. mBabQam 8,6).*
22. *O tratamento dos inimigos é abordado favoravelmente, entre inúmeras passagens e contextos, em Ex 23,4s; Jb 31,29 e Pr 25,21s; odiarás os teus inimigos não se encontra em todo o AT, apesar de Lv 19,18 e Dt 23,3-6 se aproximarem bastante deste dito. Além disso, em Qumran, na 1QS 1,3-10 parece subsistir essa condenação de ódio para os filhos das trevas e de Belial – inimigos dos filhos da luz; por outro lado, a posterior tradição midráchica vai em sentido contrário (cf. mAvot 1.6), e a tradição talmúdica relê este tipo de afirmação à maneira semita, na qual odiarás tem o sentido de menosprezar (cf. mYeb 23; AvotRN 23; mBer 4,7).*
23. *No mundo oriental, uma saudação significa o desejo de bênção a alguém (cf. mAvot 4,15).*

Mt 6

¹«Tende cuidado em não praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles! De contrário, não tereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus. ²Quando, pois, deres esmola, não faças soar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas^[1], para serem glorificados pelos homens. Amen vos digo: já receberam a sua recompensa. ³Tu, porém, quando deres esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita, ⁴para que a tua esmola fique no segredo, e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará».

⁵«Quando rezardes, não sejas como os hipócritas: gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos homens. Amen vos digo: já receberam a sua recompensa. ⁶Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto e, fechando a tua porta, reza ao teu Pai, que está no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará.

⁷Quando rezardes, não useis vãs repetições, como fazem os pagãos^[2], pois pensam que, pelo seu muito falar, serão escutados. ⁸Portanto, não sejas como eles, pois o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de vós lho pedirdes.

⁹Vós, pois, rezai assim:

Pai nosso, que estás nos céus,

santificado seja o teu nome,

¹⁰venha o teu reino,

seja feita a tua vontade,

como no céu, assim também na terra.

¹¹O pão nosso de cada dia dá-nos hoje^[3].

¹²Perdoa-nos as nossas ofensas,

como também nós perdoamos a quem nos tem ofendido,

¹³e não nos leves até à provação,

mas livra-nos do Maligno^[4].

¹⁴Pois, se perdoardes aos homens as suas transgressões, também o vosso Pai celeste vos perdoará; ¹⁵mas se não perdoardes aos homens, também o vosso Pai não perdoará as vossas transgressões».

¹⁶«Quando jejuardes^[5], não façais um ar pesaroso como os hipócritas que desfiguram os seus rostos para mostrarem aos homens que jejuam. Amen vos digo: já receberam a sua recompensa. ¹⁷Tu, porém, quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto, ¹⁸para não mostrares aos homens que jejuas, mas apenas ao teu Pai, que está no escondido; e o teu Pai, que vê no escondido, te recompensará».

¹⁹«Não acumuleis^[6] para vós tesouros na terra, onde a traça e a corrosão os fazem desaparecer e onde os ladrões os pilham e roubam. ²⁰Mas acumulai para vós tesouros no céu, onde não há traça nem corrosão para os fazer desaparecer e onde os ladrões não os pilham nem roubam. ²¹Pois onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração».

²²«A candeia do corpo é o olho. Por isso, se o teu olho for límpido, todo o teu corpo será luminoso^[7]; ²³mas se o teu olho for mau, todo o teu corpo será trevas. Portanto, se a luz que há em ti é trevas, quão grandes serão essas trevas!».

²⁴«Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou odiará um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas^[8]».

²⁵«Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer ou que haveis de beber, nem com o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa? ²⁶Fixai o olhar nas aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros, e o vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós mais do que elas? ²⁷Quem de vós, por se preocupar, é capaz de acrescentar um cúbito ao tempo da sua vida? ²⁸E porque vos preocupais com a roupa? Observai como crescem os lírios do campo; não se afadigam nem fiam. ²⁹Digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia como um deles. ³⁰Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno,

quanto mais a vós, gente de pouca fé^[9]? ³¹Por isso não vos preocupeis, dizendo: "o que havemos de comer?", ou "o que havemos de beber?", ou "o que havemos de vestir?", ³²pois os pagãos é que procuram tudo isso. O vosso Pai celeste sabe que precisais de tudo isso. ³³Procurai, primeiro, o reino de Deus e a sua justiça; e tudo isso vos será dado por acréscimo. ³⁴Portanto, não vos preocupeis com o amanhã, porque o amanhã preocupar-se-á consigo próprio. A cada dia bastam os seus males».

1. Também os discípulos do rabi Chamai condenavam a prática de prometer esmolas em público (cf. tShab 16,22), mesmo sendo considerada uma das boas ações fundamentais para um judeu (cf. mAvot 1,2; 2,7; mPe'ah 1,1).
2. Também os pagãos, os não judeus, julgavam poder pressionar a divindade (1Rs 18,27-28) apenas pela repetição de fórmulas oracionais. Disto também não se livrou o judaísmo (Sir 7,14; Is 1,15).
3. A palavra grega *epioúsiōn*, traduzido por *de cada dia*, tem um sentido incerto. Foi traduzida de várias maneiras: necessário, de cada dia, para o dia seguinte, substancial. Nos primeiros tempos, os cristãos também o associavam ao pão eucarístico. Cf. Ex 16,14.31; Sb 16,20-21.
4. Alguns mss. acrescentam uma fórmula litúrgica antiga: *Porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre.*
5. O jejum era uma prática comum no judaísmo na preparação das grandes festas (cf. Ex 34,28; At 13,2s; 27,9-44) e frequente entre os fariseus.
6. Lit.: entesoureis.
7. cf. TestBenj 4; mAvot 2,8-9
8. Lit.: e a mamona. Era, na origem, a divindade fenícia e síria das riquezas; depois, a sua personificação.
9. Gente de pouca fé constitui uma expressão cara a Mt (8,26; 14,31; 16,8; 17,20-21).

Mt 7

¹«Não julgueis, para não serdes julgados. ²Pois com o juízo com que julgardes sereis julgados e com a medida com que medirdes sereis medidos^[1]. ³Porque vês o cisco que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho? ⁴Ou como dirás ao teu irmão: "Deixa que tire o cisco do teu olho", se tens uma trave no teu olho? ⁵Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e então verás com clareza para tirar o cisco do olho do teu irmão».

⁶«Não deis o que é santo aos cães^[2], nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, não aconteça que eles as espezinhem com as suas patas e, voltando-se, vos destroçam».

⁷«Pedi e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á; ⁸pois todo o que pede recebe, o que procura encontra, e ao que bate abrir-se-á. ⁹Ou haverá um homem entre vós a quem o seu filho peça um pão, e lhe dê uma pedra? ¹⁰Ou que lhe peça um peixe, e lhe dê uma serpente? ¹¹Ora se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas àqueles que lhe pedem!».

¹²«Portanto, tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, assim fazei também vós a eles; pois esta é a Lei e os Profetas»^[3].

¹³«Entraí pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela^[4]. ¹⁴Como é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que a encontram!».

¹⁵«Tende cuidado com os falsos profetas^[5], que vêm ter convosco com pele de ovelha^[6], mas, por dentro, são lobos vorazes! ¹⁶Pelos seus frutos os reconheceréis. Porventura apanham-se uvas dos espinhos ou figos dos cardos? ¹⁷Assim, toda a árvore boa dá bons frutos, enquanto a árvore que não presta dá frutos maus. ¹⁸Uma árvore boa não pode dar frutos maus, nem uma árvore que não presta dar bons frutos. ¹⁹Toda a árvore que não der bons frutos corta-se e deita-se ao fogo. ²⁰Portanto, pelos seus frutos os reconheceréis. ²¹Nem todo aquele que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. ²²Muitos me dirão naquele dia: "Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizámos? Não foi em teu nome que expulsámos demónios? Não foi em teu nome que fizemos numerosas ações poderosas?". ²³Confessar-lhes-ei então: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade!"».

²⁴«Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será semelhante a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. ²⁵Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e abateram-se sobre aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. ²⁶Mas todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as põe em prática, será semelhante a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. ²⁷Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e lançaram-se contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua queda».

²⁸Aconteceu então que, quando Jesus acabou de dizer estas palavras^[1], as multidões estavam perplexas com o seu ensinamento, ²⁹pois ensinava-os como quem tem autoridade e não como os seus doutores da lei.

1. cf. mSota 1,7-9.
2. *O que é santo é para estar próximo do Deus Santo: da mesma maneira as oferendas consagradas a Deus (cf. Ex 29,33s; Lv 2,3). A Escritura considera os cães animais repugnantes e impuros (cf. Sl 22,17.21; Pr 26,11).*
3. *Esta é a chamada regra de ouro: cf. Dt 15,13; Tb 4,16; Sir 31,15; bShab 31. Nela se resume toda a interpretação bíblica (Lei e Profetas), iniciada por Jesus em Mt 5,21. É, de resto, semelhante ao mandamento do amor – Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Lv 19,18) – visto por Ele também como parte da síntese da Lei (Mt 22,39par).*
4. *A oferta dos dois caminhos, como desafio feito à liberdade, retoma Dt 28; 30,10-18; cf. Barn 18,1; 1QS 3,18-25.*
5. *Os falsos profetas recordam os do AT (cf. Jr 14,1-15,4; Lm 2,14; Ez 13,2s; Zc 13,2.4-6). Dos critérios de discernimento entre verdadeiros e falsos profetas fala-se já em Dt 13,2-6; Jr 23,9-13; Mq 3,5.*
6. *Lit.: com vestes de ovelhas.*
7. *Esta é uma fórmula estereotipada com a qual Mt marca uma nova secção na sua narrativa evangélica, repetida em 11.1; 13,53; 19,1; 26,1.*

Bíblia – Os Quatro Evangelhos e os Salmos

Tradução da CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

